

CRISTIANISMO E ISLAMISMO NA ÁFRICA: DISPUTA POLÍTICA

CHRISTIANITY AND ISLAMISM IN AFRICA: POLITICAL DISPUTE

Francisco Antonio de Vasconcelos¹
<https://orcid.org/0000-0001-6907-2940>

Ana Maria Rocha de Oliveira²
<https://orcid.org/0009-0003-7832-9463>

Resumo: A questão religiosa no continente africano é, de fato, um capítulo bastante especial e complexo, sendo o seu estudo necessário para quem pretende elaborar uma visão geral do dinamismo da vida nas sociedades africanas. Numa tentativa didática de facilitar a visualização desse mundo religioso, pode-se agrupar as religiões presentes em África em dois grandes grupos: de um lado, temos as religiões autóctones; de outro lado, as religiões levadas para lá, especialmente, o Islamismo e o Cristianismo. Ambas com suas características especiais e interesses próprios disputam terreno em solo africano. Um dos elementos disputados por ambas naquele continente é o poder. Cada vez mais a questão religiosa adquire maior relevância para a geopolítica africana, sendo a relação dos jovens Estados africanos com as religiões presentes naquele continente marcada por uma constante indecisão, isto é, na África pós-colonial, os Estados se aproximam das religiões que atuam em seus territórios, mas mantendo um distanciamento visto como necessário.

Palavras-chave: continente africano; Cristianismo; Islamismo; política.

Abstract: The religious issue on the African continent is, in fact, a rather unique and complex chapter, but its study is necessary for those who wish to develop a general view of the dynamism of life in African societies. In an educational attempt to facilitate the visualization of this religious world, the religions present in Africa can be grouped into two large groups: on the one hand, we have the indigenous religions; on the other hand, the religions brought there, especially Islam and Christianity. Both, with their special characteristics and interests, compete for territory on African soil. One of the elements disputed by both on that continent is power. The religious issue is increasingly gaining greater relevance for African geopolitics, with the relationship of young African states with the religions present on that continent marked by constant indecision. That is, in post-colonial Africa, states are getting closer to the religions that operate in their territories, but maintaining a distance that is seen as necessary.

Keywords: African continent; Christianity; Islam; policy.

¹ Orientador: Prof. Associado I da Universidade Estadual do Piauí (UESPI); tem Graduação e Mestrado em Filosofia, Especialização em Língua e Literatura Latina, Doutorado em Educação e Pós-Doutorado em Ciências da Religião; membro do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas Educacionais (NEEPE); desenvolve as seguintes linhas de pesquisa: Religião e Política; Habermas e Educação; Filosofia Africana.

² Bolsista PIBIC/UESPI: discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

1. Introdução

Estudos apontam que, nas próximas décadas, o terceiro país a concentrar a maior população do planeta é africano, a Nigéria. As previsões é que, na década de 2050, ela terá mais de quatrocentos milhões de habitantes. Isto terá várias consequências, nas mais diversas áreas, inclusive no campo religioso, que contará com as maiores concentrações de fiéis em um mesmo país tanto de cristãos quanto de islâmicos (podendo ultrapassar os duzentos milhões cada). Este fato trará sérios desafios para as duas religiões. Se esses desafios não forem bem enfrentados, os desdobramentos poderão ser bastantes danosos para a Nigéria, evidentemente, mas também para outras regiões do continente (especialmente para o conjunto da África Ocidental).

Evidentemente, cada país africano tem o seu próprio contexto e deve ser considerado em suas próprias idiossincrasias, mas o caso da Nigéria é um bom exemplo de alerta para que se observe adequadamente os movimentos, pertinentes à relação religião e política, dentro do referido continente. De fato, “As ligações íntimas entre religião e política durante muito tempo foram desprezadas pela história do político, que se interessava, sobretudo, pelas relações entre as Igrejas e o Estado e pelos períodos de crise” (Coutrot, 2003, p. 331).

A questão religiosa em África, não resta dúvidas, é algo bastante idiossincrático e representa um verdadeiro desafio para a capacidade de compreensão daqueles que tem interesse na esfera política do continente africano, portanto o seu estudo é indispensável para quem pretende elaborar uma visão geral do dinamismo da vida política naquelas sociedades. Diante desta constatação,

[...] pode-se afirmar que as discussões sobre religião, política e a "esfera pública", e, por implicação, o "modelo de Estado laico" agora fazem da África, marcada por uma vibrante vida religiosa, um caso primordial para o estudo comparativo da relação entre política e religião (Abbink, 2014, p. 4).

Numa tentativa didática de facilitar a visualização desse mundo religioso, pode-se agrupar as religiões presentes no continente mencionado em dois grandes grupos: de um lado, temos as religiões locais; de outro lado, as religiões importadas³ para lá. Destas últimas, duas são bastante presentes ali, trata-se do Islamismo e do Cristianismo. Ambas têm a África como a região do planeta onde elas mais crescem atualmente em números de adeptos.

Finalmente, é preciso esclarecer sobre o conceito de religião, empregado por nós neste trabalho. Aqui, entendemos *religião* em consonância com Abbink (2014), isto é, a partir da

³ A característica de *importada* aplicada a ambas vale plenamente ao que diz respeito à África negra, pois a história tanto do Cristianismo quanto do Islamismo está ligada ao Norte do continente desde a origem dessas religiões.

concepção tanto de Kenneth Burke – segundo este, os seres humanos estruturam a sua realidade e agem a partir de sistemas simbólicos (Burke, 1966; 1970) e de Clifford Geertz⁴, para quem a religião é um sistema de símbolos:

Uma religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer humores e motivações poderosos, penetrantes e duradouros nos homens ao (3) formular concepções de uma ordem geral de existência e (4) revestir essas concepções com uma aura de facticidade tal que (5) os ânimos e motivações pareçam singularmente realistas (Geertz, 1973, p. 90)

Além disso, complementando esta perspectiva que baseia a religião em sistemas simbólicos, consideramos também a religião como algo intrinsecamente ligada ao poder. Nesse sentido a sociologia das religiões de Max Weber (2010) é uma referência importante.

Weber não aborda as religiões prioritariamente como sistemas de crenças, mas como "sistemas de regulamentação da vida", [...]. Weber vai se interessar pelos comportamentos práticos dos indivíduos e pelo sentido que eles dão a sua conduta, e isso para melhor analisar o conjunto das consequências sociais que seu modo de se comportar acarreta (em sua relação com as diferentes esferas de atividade, particularmente a economia e a política) (Hervieu-Léger; Willaime, 2009).

Concluindo este tópico, destacamos que, durante o nosso trabalho (seja na fase da pesquisa seja na escrita deste texto) tivemos sempre presente que “A religião é um fenômeno incrível que desempenha papéis contraditórios na vida das pessoas. Ela pode destruir ou revitalizar, adormecer ou despertar, escravizar ou emancipar, ensinar a docilidade ou ensinar a revolta.” (Calhoun, 2011, p. 118). De fato, a religião não deve ser vista como se fosse um conceito abstrato, ao contrário, trata-se de um fenômeno histórico, e como tal precisa ser considerada (Bergunder, 2014).

2. A disputa pelo poder

Desde os anos 1960, na África, constata-se um crescimento continuado no número dos estudos sobre religião e suas relações com a esfera política. Essas investigações revelaram que a luta anticolonialista por independência, contra o domínio europeu no continente africano, desempenhou um importante papel na relação entre as duas esferas aqui consideradas, isto é, a política e a religiosa.

Muitos trabalhos iniciais sobre o assunto reconhecem que a religião tem um papel decisivo na política. Influenciados pela conquista da independência de muitos Estados africanos, após o final da década de 1950, e pela contínua luta

⁴ Fundador da Antropologia Hermenêutica, estudava a sociedade como se fosse um texto.

contra o domínio europeu em outros, alguns estudiosos que trabalharam com o tema da religião e da política no contexto de sociedades não muçulmanas deram importância aos temas da resistência e da descolonização. Esses estudiosos abordaram questões como o papel dos líderes religiosos ou das igrejas independentes na organização da resistência contra a dominação europeia, a interação entre as elites modernizadoras e os elementos religiosos populares no contexto da resistência durante a era colonial e a luta interna entre facções identificadas com o islamismo, o cristianismo e outras religiões na corte real ou aristocrática (Salau, 2020, p. 166).

Não se pode negar que tanto o Cristianismo quanto o Islamismo, por possuírem características especiais e interesses próprios, disputaram e disputam terreno em solo africano. Deve ser sublinhado que um dos elementos pleiteado por ambas naquele continente é o *poder*. Não é equivocado afirmar que a questão religiosa desempenha uma função cada vez mais importante na geopolítica africana (Fiorina, 2016), merecendo uma atenção especial a disputa por poder político entre Islamismo e Cristianismo no referido território.

Em *L'Afrique du Nord face à la question religieuse* (2011), Rachid Benlabbah esboça uma crítica à relação entre política e religião. Nessas discussões, o autor é guiado pela força da categoria “cultura”.

A África de hoje não escapará à questão da crença. No dia seguinte à independência, os Estados africanos já haviam recorrido à dimensão religiosa para estabelecer uma identidade cultural. No norte da África, os regimes “sovietizados” da época não deixaram de incluir a referência islâmica na Constituição. Mas esse recurso era bastante ideológico e sugeria, sobretudo, a relação inextricável da política e religião (Benlabbah, 2011, p. 1).

No cenário atual do referido continente, no que diz respeito à questão religiosa, está em evolução um movimento em relação ao qual é impossível vislumbrar, afinal, o seu ponto de chegada. O período pós-colonial africano traz em si uma forte busca pela identidade do continente e de suas populações, esta procura conduz, em maior ou menor grau, necessariamente para a Tradição (cultural, epistêmica, religiosa) dos povos africanos⁵.

Na verdade, aqui, o tradicional aparece como o oposto do colonial. Esta afirmação vai valer também para o campo religioso, isto é, embora seja verdadeiro, como foi dito anteriormente, que a África é o lugar em que Islamismo e Cristianismo terão a maior concentração de fiéis, também é correto falar que as lutas dos países africanos por independência trouxeram uma revalorização das religiões tradicionais do continente, em detrimento dessas duas grandes religiões (Islamismo e Cristianismo) importadas pelos

⁵ Essa valorização da Tradição não implica que os países africanos rejeitem a modernização técnico-científica da África (assim como também não descartam, por exemplo, a modernização dos seus respectivos sistemas de saúde, educacional e mesmo o Estado moderno), nada mais distante disso.

colonizadores (Benlabbah, 2011). Atualmente, este interesse pelas religiões tradicionais “[...] é movido por um espírito de identidade e uma autoconsciência coletiva reforçada pelas consequências desastrosas das políticas de modernização e pelos conflitos interreligiosos⁶” (Benlabbah, 2011, p. 1).

No trabalho *Comment aborder les pratiques religieuses en Afrique Subsaharienne? Les enseignements d'une enquête longitudinale en milieu rural malien* (2017), Aurélien Dasre e Véronique Hertrich, a partir do caso específico vivenciado pelas comunidades do interior do Mali, põem sobre a mesa de estudo uma questão epistêmica, isto é, a compreensão das práticas religiosas ao Sul do Saara.

O texto é composto de três partes: a primeira foca na pluralidade religiosa da África subsaariana; a segunda considera o registro das religiões feito através de censos e registros demográficos; a terceira observa a relação entre religião e itinerário religioso, considerando as práticas plurais (Dasre; Hertrich, 2017).

Em *Religion and Politics in Africa* (1998), de Stephen Ellis e Gerrie ter Harr, somos lembrados de que o *poder* está diretamente ligado à capacidade que alguém tem de exercer influência sobre as outras pessoas. A partir daí, somos apresentados às relações existentes entre o poder e a sua organização.

Toda religião tem como base a ideia de que existem forças invisíveis capazes de exercerem influência sobre a vida dos seres humanos. Às vezes surgem em uma religião movimentos fundamentalistas, estes eventualmente podem se convencerem de que a forma como o poder está sendo exercido em uma determinada sociedade não é a mais adequada. Em um ambiente como o africano, marcado dentre outras características por uma incrível variedade religiosa e uma séria instabilidade política, é mister prestar a devida atenção aos movimentos que ocorrem constantemente no interior das religiões. Desse modo, somos alertados: “E, como qualquer grupo de pessoas que se reúne em busca de poder, os novos movimentos religiosos da África são, eles próprios, um campo de ação no qual essa mercadoria indescritível, poder, pode ser adquirido e redistribuído” (Ellis; Harr, 1998, p. 221).

No artigo *Des religions qui réveillent et de celles qui endorment* (2016) Ludovic Lado traz à discussão a dupla tarefa que as religiões podem desempenhar dentro de uma sociedade, isto é, elas tanto podem atuar como um entorpecente social (como denunciado por Marx) quanto podem ser utilizadas para exercer o papel exatamente oposto a esse, ou seja,

⁶ O caso do Sudão (envolvendo muçulmanos e cristãos), que terminou sendo dividido em dois países, é bastante emblemático a respeito dessas guerras religiosas. Aliás, neste momento, o Sudão do Sul está vivenciando confrontos armados que podem progredir para o retorno da guerra civil.

agirem como instrumento contra o poder das elites. O autor, destacando a relevância que as religiões têm junto às populações do continente africano, ressalta:

A África continua sendo um continente profundamente religioso, tanto ao nível das crenças como das práticas. Sem excluir outras racionalidades, a grade de leitura religiosa ocupa ainda um lugar central nas representações individuais e coletivas. As últimas três décadas foram marcadas por uma espécie de liberalização místico-religiosa (Lado, 2016, p. 57).

Em 2010, o continente africano contava com cerca 234 milhões de muçulmanos e de algo em torno a 470 milhões de cristãos (Lado, 2016). Sem dúvida alguma, os números são impressionantes. Na verdade, eles deveriam incomodar e gerar questionamentos, pois apontam para o enorme peso seja do impacto da influência militar e cultural árabe, seja da colonização europeia em solo africano.

Em *Islam et politique en Afrique de l'Est (Kenya, Ouganda et Tanzanie)* (2005), Arye Oded aponta os principais fatores que contribuíram para o fortalecimento da posição do Islã nesses três países. Em nenhum destes, os muçulmanos são maioria, porém, trata-se de uma minoria com forte presença no campo da política. O autor explica: “Embora uma minoria, os muçulmanos formam uma minoria significativa, particularmente na Tanzânia e no Quênia, onde os governos precisam de seu apoio durante o período eleitoral” (Oded, 2005, p. 189).

Graças aos vínculos estabelecidos pela religião islâmica entre o mundo árabe e o continente africano, foi possível ver o Irã abrir mais de oitenta embaixadas na África Subsaariana a partir dos anos 1980. Vejamos por exemplo: “Em janeiro de 2005, o presidente iraniano Mohammad Khatami, acompanhado por 80 funcionários iranianos, realizou visita oficial a oito países da África Oriental e Ocidental: Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Mali, Benin, Zimbábue e Uganda” (Oded, 2005, p. 190).

O texto *Églises chrétiennes et démocratisation en Afrique du Sud* (1999), de Jean-Michel Dolbeau, partindo do fato de que, na década de noventa, o continente africano passou a experimentar uma onda de democratização, reflete sobre a presença das igrejas cristãs na África do Sul.

Uma das peculiaridades da democratização na África do Sul é ter conseguido mobilizar uma série de quadros comuns de referência, de linguagens culturais aceitas por todos, entre comunidades que negavam tê-las. Entre essas referências, a religião ocupa um lugar central (Dolbeau, 1999, p. 91).

O escritor destaca que o Cristianismo (em seu conjunto) é maioria religiosa naquele país, cerca de 77% da população se declara membro de alguma das distintas vertentes da religião cristã presentes por lá. Ele também chama a atenção para a especificidade do contexto político sul-africano, isto é, a terrível experiência do *apartheid* (regime de separação racial sob

o controle da minoria branca, que vigorou de 1948 a 1994). Fazendo referência ao evento histórico da colonização de África por países da Europa, Dolbeau comenta:

O campo religioso cristão é heterogêneo e está estruturado desde o século XIX sobre uma base conflituosa e segregada. A principal consequência foi o desenvolvimento rápido, e precedendo ao resto do continente, de um cristianismo negro (Dolbeau, 1999, p. 91).

Em *Religion in Sub-Saharan Africa* (2006), Bjørn Møller analisa os vínculos entre violência e religião, no cenário da vida política abaixo do Saara. Nessas reflexões, o pesquisador discute três questões: a relação entre as religiões tradicionais e a guerra civil em África; o Islã e a guerra civil na África Ocidental; as conexões entre Cristianismo, conflitos armados e genocídio. Trata-se do primeiro capítulo do *DIIS Report (Relatório DIIS)*.

É importante destacar que, logo no início do relatório, o escritor alerta: “Não encontra qualquer correlação significativa entre propensão ao conflito ou terrorismo e religião” (Møller, 2006, p. 5). Com efeito, trata-se de um estudo de caso de alguns países daquele continente. Somos informados pelo estudioso a respeito do conteúdo do referido documento:

O relatório prossegue com os estudos de caso de Djibouti, Etiópia, Eritreia, Sudão, Somália, Quênia, Tanzânia e Uganda, fornecendo uma breve visão geral da história da religião e do conflito, uma avaliação da situação atual e as perspectivas para o futuro (Møller, 2006, p. 6).

No escrito *De jeunes États africains tout à la fois à proximité et à distance du religieux* (1985), Jean-Pierre Dozon procura compreender a relação que os jovens Estados africanos assumem diante das religiões presentes naquele continente. Para o estudioso, essa relação é marcada por uma constante indecisão: na África pós-colonial, os Estados se aproximam das religiões que atuam em seus territórios, mas mantendo um distanciamento visto como necessário.

Trata-se de um trecho extraído do livro *L'Afrique à Dieu et à Diable: États, ethnies et religions* (1985), do mesmo autor. Nele, Dozon está interessado em encontrar respostas para uma questão principal: “A do Estado em África, tanto numa perspectiva histórica como nas suas dimensões contemporâneas, que testemunham um certo enraizamento estruturante das sociedades africanas” (Porteilla, 2009, p. 168).

No texto em questão, o teórico também estuda a relação direta existente entre o aumento de adesão religiosa e o agravamento das condições econômicas e políticas. Observe:

[...] Dozon analisa a explosão da oferta religiosa, esta “surge em um cenário de recessão social e protestos políticos” que se propõe a conquistar espaços públicos e esferas políticas. Participando de uma lógica de atomização, mas

também autonomização, o fato religioso africano tende no mesmo movimento a amortecer as desigualdades socioeconômicas (Porteilla, 2009, p. 168).

Em seu artigo *O Estado na África* (2010), Beluce Bellucci nos oferece a oportunidade de aprofundar essa discussão. Nele, o autor apresenta uma reflexão voltada a elaborar uma compreensão a respeito do Estado africano. Nesse sentido, um elemento sublinhado pelo pesquisador é a dificuldade que a presença das religiões em África representa para um correto entendimento da questão africana como um todo. Ele alerta:

A África ainda é considerada um grande desafio, principalmente em função de questões relacionadas às religiões e às etnias, entre outros fatores. A compreensão do Estado africano depende de vários aspectos tanto no plano nacional quanto internacional. Vista sob a ótica do modelo de Estado ocidental, a experiência africana traz a busca por seu espaço, como território, linguagem, tecnologia, modos de produção, bem como o movimento em direção a um Estado neoliberal. As mudanças empreendidas buscavam não somente o desenvolvimento, mas também a reestruturação das economias, adaptando-as ao mercado mundial, o que acarretou melhores condições de avanço para a África (Bellucci, 2010, p. 9).

No que tange às duas religiões exógenas, Cristianismo e Islamismo, elas tiveram (e têm ainda hoje) a sua expansão pelo continente africano facilitada, graças a fatores que favorecem o sincretismo religioso nas populações locais, cuja explicação se pode encontrar, por exemplo, em razões históricas, culturais e geográficas. No século XIX, a presença do Cristianismo (em algumas de suas versões) será intensificada ao Sul do Saara (Bellucci, 2010). Constatase uma forte relação entre ele e a colonização europeia do continente, sendo menos intensa essa cooperação apenas na região da África Ocidental, por causa do Islamismo. De fato, o Cristianismo esteve

[...] participando da constituição de novos territórios e formações estatais. Sua participação na empreitada colonial teve um papel relevante na África Central, Austral e Oriental, mas, de menor influência na África Ocidental, onde foi barrado pela presença do Islã (Bellucci, 2010, p. 16).

O escrito de Jean-François Bayart, *Religion et politique en Afrique: le paradigme de la cité culturelle* (2015), alerta para a necessidade de se perceber a complexidade da relação entre religião e política no continente em estudo, devido às especificidades desta relação por lá. A partir daí, o autor sugere o modelo da “cidade religiosa”.

No entanto, a diferenciação mútua entre religião e política não pode ser apreendida no modo binário de sua estranheza, de acordo com os temas banais de “religião e política” aplicada de maneira uniforme a todas as situações no

mundo, e nos termos positivistas, historicistas, da secularização. Entrelaçamentos, sinergias, efeitos de osmose entre as duas categorias são demasiado sistemáticos para nos limitarmos a essa visão das coisas. Daí o paradigma da cidade religiosa que propus em 1993, baseado na pesquisa de François de Polignac sobre a Grécia antiga (Bayart, 2015, p. 8).

Nessa perspectiva, o estudioso explica para que serve esse paradigma. Observe:

Comparar a cidade religiosa na África contemporânea com o cristianismo medieval, reformado ou tridentino naturalmente não equivale a dizer que a África “está” na Idade Média ou no século XVI, e que “mais tarde” alcançará a grande luz do secularismo ou da secularização! Isto consiste em construir um paradigma e confrontá-lo com ele, esperando que o processo seja bem-sucedido. Ora, parece-me, precisamente isto nos permite recuperar melhor a historicidade do continente, tomado em sua banalidade, ou seja, em sua comparabilidade (Bayart, 2015, p. 9).

Em *Pluralisation et compétition religieuses en Afrique subsaharienne. Pour une étude comparée des logiques sociales et politiques du Christianisme et de l’Islam* (2009), Cédric Mayrargue, nos oferece o seguinte quadro da relação entre Cristianismo, Islamismo e política em África:

Enquanto os processos contemporâneos de recomposição religiosa reforçam a dimensão pluralista e competitiva dos campos religiosos africanos, poucos são, entretanto, os estudos que propõem um confronto entre as dinâmicas utilizadas por diferentes atores religiosos. Partindo das evoluções das paisagens religiosas e destacando a simultaneidade e proximidade de certos processos de cristianização e da islamização, este artigo propõe caminhos para uma análise comparativa das dinâmicas sociais e políticas do cristianismo e do islamismo na África. Em particular, estudam-se as lógicas que se cruzam na coabitação religiosa, entre conflitualidade e imitação, bem como os efeitos dessa competição nos mecanismos de politização da religião (Mayrargue, 2009, p. 83).

O artigo apresenta a religião como uma das forças centrais nos “processos de mudança social e política que afetam o continente africano” (Mayrargue, 2009, p. 83). Nesse sentido, temos também a corroboração das reflexões de Abbink (2014) que aponta para o envolvimento substancial, em África, da religião no campo político desde a década de 1990, quando se tem o início da onda de democratização no continente.

3. Considerações finais

*Poder*⁷ e *religião* são categorias bem próximas, a história nos mostra isso. Assim, visitando a história, observamos que às vezes, em uma sociedade, surgem grupos que, baseados em motivos religiosos, se convencem de que a forma como o poder está sendo exercido ali não é a mais adequada por não ser do agrado de Seres Superiores e, por isso, em nome de Deus (ou deuses), tomam a decisão de lutar para mudar esse *modus operandi*.

Na verdade, as religiões são capazes de desempenhar, dentro de uma sociedade, um duplo papel: é possível a elas tanto atuar como um entorpecente social quanto serem utilizadas para exercer o papel exatamente oposto a esse, ou seja, agirem na qualidade de instrumento contra o poder das elites (Lado, 2016). Não é um exagero afirmar que, no continente africano, as religiões têm junto às populações bastante relevância: “A África continua sendo um continente profundamente religioso, tanto ao nível das crenças como das práticas. Sem excluir outras racionalidades, a grade de leitura religiosa ocupa ainda um lugar central nas representações individuais e coletivas” (Lado, 2016, p. 57).

A relação dos jovens Estados africanos com as religiões presentes naquele continente é marcada por uma constante indecisão: na África pós-colonial, os Estados se aproximam das religiões que atuam em seus territórios, mas mantendo um distanciamento visto como necessário (Dozon, 1985). Também merece atenção a relação direta existente entre o aumento de adesão religiosa e o agravamento das condições econômicas e políticas. Observe: “o fato religioso africano tende, no mesmo movimento, a amortecer as desigualdades socioeconômicas” (Porteilla, 2009, p. 168).

Sem dúvida alguma, a relação entre religião e política no continente africano é um fenômeno bastante complexo (Bayart, 2015). Uma das dificuldades reais, quando se considera o encontro dessas duas esferas (a religiosa e a política) em África é, sem dúvida, a questão da laicidade, já que a grande maioria dos Estados desse continente adotam o modelo de Estado laico (Abbink, 2014).

[...] embora observemos uma forte adesão religiosa contínua entre as pessoas na África, a maioria vive em "Estados laicos". Como esses dois fenômenos se unem, e o modelo de laicidade irá perdurar? Além das questões de "desenvolvimento", a questão da laicidade irá animar grande parte do futuro debate político na África (Abbink, 2014, p. 84).

Se considerarmos especificamente a disputa de poder (visando ampliar o nível de influência dentro dos Estados e das sociedades) entre as diferentes religiões atuando em

⁷ Conforme foi lembrado acima, o poder está diretamente ligado à capacidade que alguém tem de exercer influência sobre as outras pessoas (Ellis; Harr, 1998).

território africano, veremos que essa contenda aponta para o elevado nível de complexidade da questão religiosa em África. Observe-se:

No que diz respeito à África Oriental, a análise acima também terá demonstrado que algumas das supostas ligações entre diversidade religiosa e conflito (incluindo a tese do "choque de civilizações") não são realmente sustentadas por evidências empíricas. Os três países religiosamente mais homogêneos na região diferem amplamente, já que o Djibuti, quase totalmente muçulmano, é bastante pacífico, enquanto a Somália, igualmente quase totalmente muçulmana, é exatamente o oposto, assim como Uganda, quase tão homogeneamente cristã. O quadro não é mais claro no que diz respeito aos países religiosamente divididos, já que a Etiópia é um foco de conflitos, o que claramente não é o caso do Quênia nem da Tanzânia (Møller, 2006, p. 93).

Tendo isto presente, note-se: a) conforme já dissemos, é no continente africano que tanto o Cristianismo quanto o Islamismo mais crescerão em número de adeptos ao longo das próximas décadas deste século; b) desde o início do século XXI, a relação da China com os países do continente africano vem experimentando um crescimento em nível de importância a olhos vistos. Esta aproximação está gerando impactos políticos e principalmente econômicos, mas também trazendo consequências em outras áreas.

Assim, é preciso monitorar, ao longo das próximas décadas, a presença chinesa na África também na esfera religiosa (aqui, dois aspectos merecem destaque: ambas possuem uma vivência histórica bastante forte, mas imensamente distinta, da questão religiosa; juntas, elas somam quase 3 bilhões de habitantes); c) finalmente, deve-se observar, ao longo das próximas décadas, também o impacto da internet (que possibilita o livre trânsito de informações religiosas em solo africano, advindas de qualquer região ou grupo populacional do planeta) sobre as mentes dos indivíduos de África, no que tange à relação desses indivíduos com o fenômeno religioso. Por se tratar de algo recente, e em andamento, sabemos pouco ou quase nada a respeito dele, por isso, é preciso monitorá-lo.

4. Referências

ABBINK, Jon, Jean-François. Religion and Politics in Africa: The Future of "The Secular". *Africa Spectrum*, v. 49, n. 3, p. 83-106, 2014. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/pdf/24589119.pdf?refreqid=fastly-default%3A833cce2885ba6931261b341be68603aa&ab_segments=&initiator=&acceptTC=1 >. Acesso em: 3 mai. 2024.

BAYART, Jean-François. Religion et politique em Afrique: le paradigme de la cité culturelle. *Études Africaines Comparées*, n. 1, p. 1-23, 2015. Disponível em: < <https://repository.graduateinstitute.ch/record/295756> >. Acesso em: 8 set. 2022.

BELLUCCI, Beluce. O Estado na África. **Revista Tempo do Mundo**, v. 2, n. 3, p. 9-43, 2010. Disponível em: < <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/110> >. Acesso em: 9 abr. 2022.

BENLABBAH, Rachid. L’Afrique du Nord face à la question religieuse. ASSEMBLÉE GENERALE, 13, 2011, Marrocos. **Anais da 13ª Assembleia Geral, 5-9 dez. 2011**. Marrocos: CODESRIA, 2011, p. 1-14. Disponível em: < https://jaga.afrique-gouvernance.net/docs/rachid_benlabbah-2.pdf >. Acesso em: 9 ago. 2022.

BERGUNDER, Michael. What is Religion? The Unexplained Subject Matter of Religious Studies. **Method and Theory in the Study of Religion**, n. 26, p. 246-286, 2014. Disponível em: < <https://www2.tf.jcu.cz/~klapetek/religion.pdf> >. Acesso em: 9 ago. 2025.

BURKE, Kenneth. **Language as Symbolic Action: Essays on Life, Literature, and Method**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1966.

BURKE, Kenneth. **The Rhetoric of Religion: Studies in Logology**. Berkeley: University of California Press, 1970.

CALHOUN, Craig. Afterword: religion’s many powers. In: BUTLER, Judith et al. **The power of religion in the public sphere**. Nova York: Columbia University Press, 2011, p. 118-134.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 331-364.

DASRE, Aurélien; HERTRICH, Véronique. Comment aborder les pratiques religieuses en Afrique Subsaharienne? Les enseignements d’une enquête longitudinale en milieu rural malien. **Hal: Open Science**. Paris: Ined, 2017. (Documents de Travail, 232). Disponível em: < <https://www.ined.fr/en/publications/editions/document-travail/pratiques-religieuses-afrique-subsaharienne/> >. Acesso em: 8 jun. 2022.

DOLBEAU, Jean-Michel. Églises chrétiennes et démocratisation en Afrique du Sud. **Autrepart**, n. 10, p. 91-103, 1999. Disponível em: < https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_7/autrepart/010019327.pdf >. Acesso em: 25 jan. 2023.

DOZON, Jean-Pierre. De jeunes États africains tout à la fois à proximité et à distance du religieux. In: DOZON, Jean-Pierre. **L’Afrique à Dieu et à Diable: États, ethnies et religions**. Paris: Ellipses, 2008. 1985, p. 76-85.

ELLIS, Stephen; HARR, Gerrie ter. Religion and Politics in Africa. **Afrika Zamani**, n. 5, 1997 and n. 6, p. 221-246, 1998. Disponível em: < <https://scholarlypublications.universiteitleiden.nl/access/item%3A3146019/vie> >. Acesso em: 8 jun. 2022.

FIORINA, Jean-François. Afrique et religions: Le poids du facteur religieux dans la géopolitique africaine. **CLES - Comprendre Les Enjeux Stratégiques**. Note hebdomadaire, n. 181, 10 de mar, p. 1-3, 2016. Disponível em: < www.grenoble-em.com >. Acesso em: 23 mai. 2022.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-paul. **Sociologia e religião**: Abordagens clássicas. Trad. Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. (Coleção Sujeitos e Sociedades).

LADO, Ludovic. Des religions qui réveillent et de celles qui endorment, **REVUE PROJET**, v. 2, n. 351, p. 57-64, 2016. Disponível em: < file:///C:/Users/mlver/Downloads/PRO_351_0057.pdf >. Acesso em: 9 ago. 2022.

MAYRARGUE, Cédric. Pluralisation et compétition religieuses en Afrique subsaharienne. Pour une étude comparée des logiques sociales et politiques du Christianisme et de l’Islam. **Études Africaines Comparées**, n. 1 v. 16, p. 83-98, 2009. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-internationale-de-politique-comparee-2009-1-page-83.htm> >. Acesso em: 16 mar. 2023.

MØLLER, Bjørn. Religion in Sub-Saharan Africa. In: MØLLER, Bjørn. **Religion and conflict in Africa**. Copenhagen: DIIS Report, 2006, p. 10-35.

ODED, Arye. Islam et politique en Afrique de l’Est (Kenya, Ouganda et Tanzanie), **CAIRN.INFO: Matières à Réflexion**,. v. 2, n. 11, p. 189-194, 2005. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-outr-terre1-2005-2-page-189.htm> >. Acesso em: 8 fev. 2022.

PORTEILLA, Raphaël. Notes de lecture. **Recherches Internationales**, n. 85, p. 168, 2009. Disponível em: < https://www.persee.fr/doc/rint_0294-3069_2009_num_85_1_1145_t13_0168_0000_2 >. Acesso em: 25 abr. 2023

SALAU, Mohammed Bashir. Religion and Politics in Africa: Three Studies on Nigeria. **Journal of Law and Religion**, v. 35, n. 1, p. 165-177, 2020. Disponível em: < <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/CCD24711A76BD424384AFEAF23117517/S0748081420000156a.pdf/div-class-title-religion-and-politics-in-africa-three-studies-on-nigeria-div.pdf> >. Acesso em: 25 abr. 2023

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. 2 ed. São Paulo: Editora Ícone, 2024. (Coleção Fundamentos da Filosofia).